

CONCEPÇÃO BAKHTINIANA DE LINGUAGEM: INTERFACES COM O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Renata Cristina Alves Polizeli¹
Marcos Antonio Rodrigues²
Silvia Regina Peres³

RESUMO: O presente texto objetiva refletir sobre a concepção de linguagem de cunho bakhtiniano e as possíveis articulações com o ensino de língua portuguesa, enquanto componente da educação básica. Para isso, primeiramente, fundamenta-se na concepção de linguagem como substância essencial sendo a interação verbal, de modo a dialogar com outros textos e discursos, não constituindo, conseqüentemente, como uma produção monológica ou realizada no vazio. De outro lado, estão os pressupostos do componente de Língua Portuguesa, orientados pela concepção de linguagem advinda dos Parâmetros Curriculares Nacionais e reiteramos pela Base Nacional Comum Curricular, enquanto enunciativo-discursiva, ancorando as práticas de linguagem e os campos de atuação, na seleção e tratamento dos gêneros discursivos. Metodologicamente, está o cotejo, proposto por Geraldi, no qual é possível colocar um texto em diálogo com os outros textos, com vistas a construção de interpretações que fundamentem a defesa de uma tese, aqui, se há possibilidade de estabelecimento de aproximações entre a epistemologia bakhtiniana, via recorte da concepção de linguagem, em relação à concepção de linguagem que se apresenta nos documentos oficiais. Os resultados indicam que o caráter axiológico, fundante para concepção de linguagem bakhtiniana, tende ao apagamento nos documentos oficiais, o que provoca um deslocamento significativo no qual a linguagem pode não ser compreendida por meio de seus aspectos interacionais.

Palavras-chave: Concepção de linguagem. Ensino de Língua Portuguesa. Educação básica.

BAKHTINIAN CONCEPTION OF LANGUAGE: INTERFACES WITH THE TEACHING OF PORTUGUESE

ABSTRACT: this paper aims to reflect on the conception of language of Bakhtinian character and possible articulations with the teaching of Portuguese, as a component of basic education. For this, first, it is based on the conception of language as an essential substance being verbal interaction, in order to dialogue with other texts and discourses, not constituting, consequently, as a monologic production or performed in emptiness. On the other hand, there are the assumptions of the Portuguese language component guided by the conception of language arising from the Parâmetros Curriculares Nacionais and it is reiterated by the Base Nacional Comum Curricular, as enunciative-discursive, anchoring the practices of language and the fields of action, in the selection and treatment of the discursive genres. Methodologically, there is the comparison, proposed by Geraldi, in which it is possible to put a text in dialogue with the other texts, with a

¹ Doutora em Linguística Aplicada, pós-doutoranda em Educação na FEUSP. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0030-4189>. E-mail: Re.cris_alves@hotmail.com.

² Doutor em Letras, docente na Universidade Estadual do Norte do Paraná e na SEDUC-SP, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9244-8245>. E-mail: Marcos.unesp@hotmail.com.

³ Mestrado em Letras, professora e formadora na EFAPE (SEDUC-SP). Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-2409-4512>. E-mail: Silvia.peres@gmail.com.

view to building interpretations that support the defense of a thesis, here, if there is a possibility of establishing similarities between the Bakhtinian epistemology, by the cut of the language conception, in relation to the language conception that is presented in the official documents. The results indicate that the axiological character, foundational to Bakhtinian language conception, tends to be erased in official documents, which causes a significant shift in which language may not be understood through its interactional aspect.

Keywords: Language conception. Teaching Portuguese Language. Basic Educação.

Considerações iniciais

O ensino de Língua Portuguesa (LP) passou, nas últimas décadas, por distintas alterações e ampliações, o que Rojo (2007) intitulou de “viradas”: virada pragmática, na década de 1970; virada textual na década seguinte; e virada discursiva nos anos de 1990. É essa a virada que detém a atenção desse texto, em articulação com a concepção de linguagem que está proposta nos documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018). São introduzidos nesse período conceitos fundamentais ao componente e que articularão todos os pressupostos que perpassam qualquer aspecto curricular, seja dos anos iniciais do ensino fundamental ao ensino médio.

Afirma-se que o aspecto fundante do componente – a concepção de linguagem – pode ser de cunho bakhtiniano, seja possivelmente por influência dos gêneros do discurso ou por outros aspectos que perpassam os PCN (BRASIL, 1997) de LP. Todavia, há controversas. O que não se pode negar são as contribuições bakhtinianas para o ensino de língua. Assim, tendo em vista essas discussões que estão envoltas na concepção de linguagem dos documentos oficiais para o ensino de LP, esse texto objetiva refletir sobre como é estabelecida a concepção de linguagem entre os documentos curriculares oficiais e a epistemologia bakhtiniana.

Para isso, ancora-se no que Geraldi (2012) intitulou de cotejo de textos, alicerçado nos pressupostos bakhtinianos, para colocar, metodologicamente, um texto em diálogo com outros textos, com vistas a levantar interpretações de determinado aspecto – aqui direciona-se para a concepção de linguagem. Para isso, traremos alguns excertos de textos de Bakhtin (BAKHTIN, 2003 [1992]; BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2014 [1929]) que dialogarão com excertos dos PCN (BRASIL, 1997) e da BNCC (Brasil, 2018) com vistas à interpretação dessa relação para compreender qual a premissa - (i) há

contribuições inferidas dos pressupostos bakhtinianos ou (ii) há ancoragem sólida dos pressupostos bakhtinianos para a concepção de linguagem - que se estabelece.

Pressupostos metodológicos

Ancorado nos pressupostos do Círculo de Bakhtin, há distintas possibilidades metodológicas para construção do percurso analítico do objeto proposto, sendo uma dessas o que Geraldi (2012) denominou de cotejo, cuja intenção reside no fato de que “Interpretar é construir um sentido para um discurso, para um texto, e a validade desta interpretação se mede por sua profundidade e pela consistência e coerência de seus argumentos” (GERALDI, 2012, p. 33). Assim, para subsidiar uma interpretação consistente é preciso, como Geraldi (2012) afirma, profundidade, consistência e coerência dos argumentos, o que pode ser articulado por meio dos textos em diálogo:

Dar contextos a um texto é cotejá-lo com outros textos, recuperando parcialmente a cadeia infinita de enunciados a que o texto responde, a que se contrapõe, com quem concorda, com quem polemiza, que vozes estão aí sem que se explicitem porque houve esquecimento da origem. [...] Ao ir cotejando os textos com outros textos vai elaborando conceitos ou reutilizando conceitos produzidos em outros estudos (até mesmo de outros campos) com que se aprofunda a penetração na obra em estudo (GERALDI, 2012, p. 33).

Considerando que não há possibilidade mínima da compreensão de um texto somente através do contexto verbal, ou seja, da materialidade linguística (ou semiótica) que compõe o texto, é preciso colocar esse texto em diálogo, o que Geraldi (2012) chama de “dar contexto a um texto”. Cotejar um texto com outros textos implica recuperar, de maneira parcial, a cadeia enunciativa a qual aquele texto pode pertencer, no sentido de responder aos outros textos produzidos previamente a ele, bem como ele será respondido por outros que serão produzidos em período posterior. Ao cotejar textos pertencentes a um determinado elo comunicativo, é possível estabelecer algumas premissas e confirmá-las (ou não) à medida que o cotejo avança. Assim, cotejaremos alguns pressupostos oficiais para o componente de LP em relação aos excertos bakhtinianos sobre a concepção de linguagem e, para isso, traremos, primeiramente, as vozes bakhtinianas, para, em seguida, tecer os cotejos com os documentos oficiais.

O resultado apresentado é uma “tese” no sentido de que contém um ponto de vista argumentado em que se sustenta a interpretação construída. Mas uma tese não tem qualquer valor absoluto de verdade. Voltemos ao que se disse anteriormente: a tese aqui se constrói por raciocínios aditivos (p & q & r & x & y ...) de modo que os sentidos são inacabáveis (e as relações com outros textos também, não importa se esta relação esteve ou não presente no processo de produção do discurso/texto em estudo (GERALDI, 2012, p. 33).

Como resultado desse cotejo, teremos uma “tese” – uma argumentação sustentada pela interpretação construída – de como se dá a relação entre concepção de linguagem dos documentos oficiais – PCN (BRASIL, 1997) e BNCC (BRASIL, 2018) – e o que está posto nos textos bakhtinianos.

Bakhtin: concepção de linguagem

Antes de, propriamente, iniciarmos as discussões sobre a concepção de linguagem bakhtiniana, retomemos um distanciamento fundamental - o de Bakhtin em relação ao estruturalismo:

Esse distanciamento se refere em particular a algumas características peculiares do estruturalismo, sua “formalização” e “despersonalização”, diz Bakhtin, no emprego de categorias como “código” e “oposição”, envolvem, como ele o diz incisivamente, a “segregação do texto”. Busco preferencialmente as vozes e suas relações dialógicas (idem, p. 387). Aqui, em poucas palavras, é indicada a diferença substancial entre o “estruturalismo” e o “dialogismo bakhtiniano” (PONZIO, 2010, p. 70).

Bakhtin, conforme nos relembra Ponzio (2010), não nega a língua enquanto *langue*, da acepção saussuriana, mas reitera que a língua não se limita a essa, de modo que “o contexto verbal não é autossuficiente para a compreensão de uma enunciação ou de um texto verbal” (PONZIO, 2010, p. 88), o que é variável depende do contexto no qual o enunciado foi produzido e da forma típica a qual ele pertence. O excerto de Ponzio (2010) ainda traz o âmago da epistemologia bakhtiniana - a interação verbal:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação e das enunciações (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2014 [1929], p. 117).

Assim, para Bakhtin e Volochínov (2014 [1929]), a linguagem necessita ser compreendida a partir de sua relação intrínseca com o fenômeno social da interação verbal, de modo que, como expressado por ele, na teorização que provoca o distanciamento de viés estruturalista, não há como olhar o texto somente pelo texto, há de se considerar esse texto em diálogo com outros textos e inserido em determinada realidade social. É a interação verbal concreta que emoldura a linguagem e a língua, considerando para isso dois pontos de valores: eu e o outro – a palavra é, portanto, uma ponte lançada entre mim e o outro, o que implica que há, na interação, uma dimensão axiológica, ou seja, há, pelo menos, dois centros de valores que estão postos em diálogo no momento da interação verbal.

Nesse sentido, há duas dimensões intrínsecas à compreensão da linguagem enquanto interação verbal: a axiologia e a dialogia. A axiologia, como já dita anteriormente, compreende os pontos de valores. Para Faraco (2017), ela representa “o grande fundamento do projeto filosófico de Bakhtin”, considerando que o sentido “[...] só é dado na relação; não precede nem define a relação, mas é definido pela relação. Decorre daí o primado da alteridade na filosofia bakhtiniana, a absoluta necessidade constitutiva do outro, do olhar do outro, da memória do outro” (FARACO, 2017, p. 48). Enquanto isso, para discorrer brevemente sobre a dialogia, retomemos primeiramente a acepção de diálogo que é compreendida em seu “sentido amplo do termo, isto é, a confrontação das mais diferentes refrações sociais expressas em enunciados de qualquer tipo e tamanhos postos em relação” (FARACO, 2010, p. 62), o que implica conduzir essa mesma compreensão à noção de interação verbal. Faraco (2017, p. 55) ainda afirma que “Bakhtin inova as análises da interação ao entendê-la como o encontro de posições sócio-axiológicas. Na interação vista pelo olhar bakhtiniano, não se trocam mensagens, mas se dialogizam axiologias”. Conseqüentemente, a interação é vista como:

[...] como evento fundamentalmente sócioaxiológico que emerge a concepção bakhtiniana de linguagem como heteroglossia, isto é, como um conjunto múltiplo e heterogêneo de vozes ou línguas sociais e (mais relevante para ele) o contínuo processo de encontros e desencontros, de aceitação e recusa, de absorção e transmutação das vozes sociais – fenômeno que ele designa de heteroglossia dialogizada (FARACO, 2017, p. 55).

Esse conjunto múltiplo e heterogêneo que Faraco (2017) referencia está relacionado às “relações dialógicas como “relações de sentido” que se estabelecem entre enunciados, tendo como referência o todo da interação verbal e não apenas o evento da interação face a face” (Faraco,

2010, p. 65, ênfase do autor). Podemos, portanto, compreender que as relações dialógicas – relações de sentidos – podem ser constituídas de inúmeras maneiras no âmbito social e discursivo e não “como um complexo de relações entre as palavras, mas como um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas” (FARACO, 2010, p. 66):

O outro, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda de (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; [...] toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso) (BAKHTIN, 2006, p. 271).

Ao afirmar que as relações dialógicas não estão relacionadas ao complexo de relações entre as palavras, Faraco (2010) traz a distinção teorizada por Bakhtin (2006) cuja palavra é desprovida de sentido enquanto unidade da língua, visto que não pertence a ninguém, ela não é de ninguém, ela está no arcabouço da língua para ser utilizada; já a palavra enquanto unidade do discurso é a palavra que está diálogo, que está na interação verbal, que o falante a seleciona para construção de seu projeto de dizer. Assim, embora a dialogia seja composta de materialidades linguísticas ou semióticas para a constituição dos sentidos, não é o reconhecimento do que se repete que importa, mas dos sentidos que são construídos na interlocução (GERALDI, 2010). Reiterando as palavras de Faraco (2017), é “esse deslocamento do sistema de valores [vozes] da lógica da identidade à lógica da alteridade, do eu ao outro” (PETRILLI, 2010, p. 81) que ancora a filosofia bakhtiniana:

O princípio arquitetônico supremo do mundo real do ato é a contraposição concreta, arquitetonicamente válida, entre eu e outro. A vida conhece dois centros de valores, diferentes por princípio, mas correlatos entre si: o eu e o outro, e em torno destes centros se distribuem por princípio mas correlatos entre si: o eu e o outro, e em torno destes centros se distribuem e se dispõem todos os momentos concretos do existir. Um mesmo objeto, idêntico por conteúdo, é um momento do existir que apresenta um aspecto valorativo diferente, quando correlacionado comigo ou com o outro; e o mundo inteiro, conteudisticamente uno, correlacionado comigo e com o outro, é permeado de um tom emotivo-volitivo diferente, é dotado, no seu sentido mais vivo e mais essencial, de uma validade diferente sobre o plano do valor. Isto não compromete a unidade de sentido do mundo, mas a eleva ao grau de unicidade própria do evento (BAKHTIN, 2010, p. 142).

Com efeito, a teoria bakhtiniana tem, como supracitado, em seu âmago a relação eu-outro. Nesse sentido, não há possibilidade de teorizar sobre a concepção de linguagem

por via bakhtiniana sem que essa relação eu-outro seja, minimamente, considerada. Postas essas considerações sobre a linguagem sob concepção bakhtiniana, direcionamos aos documentos curriculares que fundamentam o ensino de LP, no contexto básico.

Componente de Língua Portuguesa nos documentos oficiais: possíveis aproximações

Para abordar o recorte proposto ao componente de LP, partiremos da virada discursiva, teorizada por Rojo (2007), na qual ela sintetiza as mudanças ocorridas nas orientações do ensino de LP a partir e, principalmente, dos PCN (BRASIL, 1997).

Na última década do século passado, entretanto, o mundo sofre novamente modificações sociais e culturais acentuadas que terão, novamente é claro, impacto na escola e no currículo. [...] elas colocam decisivamente em pauta as maneiras de se tratar o texto na escola, reafirmando-o como objeto fundamental do ensino de língua [...] multiplicando as propostas de tratamento do texto na escola (como estrutura e forma; como acontecimento; como singularidade; como significação; como exemplar de gênero; como veículo de ideologias; como instrumento de constituição de identidades, alteridades e subjetividades; como instrumento de luta contra-hegemônica [sic]) (ROJO, 2007, p. 12).

O tratamento metodológico dado ao texto, já em discussão na década anterior e conforme excerto acima, é posto em centralidade, com vistas a reafirmá-lo como objeto principal do componente, de modo que outros elementos, ancorados em afiliações teóricas distintas das outras décadas, emergem para discussão de como tratá-lo. Amparados nas discussões linguístico-científicas (bem como em outros aspectos político-sociais que perpassam o período de discussão do documento), os PCN (BRASIL, 1997) advogam uma concepção mais social de linguagem:

A linguagem é uma forma de ação interindividual orientada por uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos da sua história. Dessa forma, se produz linguagem tanto numa conversa de bar, entre amigos, quanto ao escrever uma lista de compras, ou ao redigir uma carta — diferentes práticas sociais das quais se pode participar. Por outro lado, a conversa de bar na época atual diferencia-se da que ocorria há um século, por exemplo, tanto em relação ao assunto quanto à forma de dizer, propriamente — características específicas do momento histórico. Além disso, uma conversa de bar entre economistas pode diferenciar-se daquela que ocorre entre professores ou operários de uma construção, tanto em

função do registro e do conhecimento lingüístico [sic] quanto em relação ao assunto em pauta (BRASIL, 1997, p. 22).

Assume-se efetivamente que a linguagem apresenta, de modo intrínseco, um caráter social, o que podemos dizer que, a princípio, relembra a epistemologia bakhtiniana, no sentido de que não é possível um texto significar somente por meio de si. Reitera-se a historicidade da linguagem, bem como a acepção que se tem do interlocutor - diante da construção de quem é esse interlocutor, articula-se diferentes recursos lingüísticos na composição do enunciado.

A BNCC (Brasil, 2018) reitera essa concepção intitulando-a de “enunciativo-discursiva de linguagem”, afirmando a “centralidade do texto como unidade de trabalho” (BRASIL, 2018, p. 67), tendo em vista que o texto deve sempre se relacionar ao contexto de produção e ao “desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses” (BRASIL, 2018, p. 67). Assim, de fato, assume-se que o texto necessita de seu contexto no trabalho metodológico do componente de LP, afastando-se de uma acepção estruturalista, cujo foco está somente no aparato lingüístico. Emerge, nesse momento, a primeira questão em articulação à epistemologia bakhtiniana nos documentos oficiais: considerar o contexto de produção é suficiente? Para responder a essa questão, trazemos as vozes de Faraco e Castro (1999):

[...] vamos encontrar em BAKHTIN formas de justificar por que devemos mudar de concepção de linguagem se queremos entender, em toda a sua complexidade, o ato de ensinar a nossa língua nas escolas. Isso porque o recorte de estudo da linguagem que empreende BAKHTIN é inteiramente voltado para o fenômeno da interlocução viva (FARACO; CASTRO, 1999, p. 4).

A interação verbal, para os teóricos, é a primeira reivindicação dos pressupostos bakhtinianos para o ensino de LP, o que nos autoriza afirmar que a centralidade do ensino não basta ser o texto, visto que esse pode ser tratado como produto e não como processo. Considerando esse aspecto – o gênero enquanto processo – como o que difere a epistemologia bakhtiniana das demais em relação aos gêneros discursivos (FIORIN, 2019), podemos deslocar essa compreensão para o texto – o texto também como processo. Nesse sentido, “a concepção de linguagem de BAKHTIN, em seus princípios mais gerais, pode, portanto, fundamentar uma proposta lingüístico-pedagógica [sic] interacional, dando o suporte inicial e necessário para uma mudança qualitativa em nossa tradição de

ensino da língua” (FARACO; CASTRO, 1999, p. 5). Tendo isso em vista, podemos dizer que os PCN (BRASIL, 1997) trazem a interação verbal para a concepção de linguagem, conforme excerto abaixo:

A linguagem, por realizar-se na interação verbal dos interlocutores, não pode ser compreendida sem que se considere o seu vínculo com a situação concreta de produção. É no interior do funcionamento da linguagem que é possível compreender o modo desse funcionamento. Produzindo linguagem, aprende-se linguagem (BRASIL, 1997, p. 22).

Assim como, explicita a concepção de interação verbal:

Interação verbal, aqui, é entendida como toda e qualquer comunicação que se realiza pela linguagem, tanto as que acontecem na presença (física) como na ausência do interlocutor. É interação verbal tanto a conversação quanto uma conferência ou uma produção escrita, pois todas são dirigidas a alguém, ainda que esse alguém seja virtual (BRASIL, 1997, P. 22).

Conforme Faraco (2010) explicita, podemos dizer que há aqui nos Parâmetros (BRASIL, 1997) uma aproximação em relação ao sentido de interação verbal, tendo em vista o sentido amplo cuja interação não se limita à presença física de dois interlocutores em um dado espaço. Também é afirmado no excerto anterior que a linguagem é realizada por meio da interação verbal, o que torna inviável a dissociação ao contexto concreto de realização, o que, mais uma vez, promove uma aproximação à concepção bakhtiniana (BAKHTIN, 2003 [1992]; BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2014 [1929]). É interessante observar a referência ao “vínculo com a situação concreta de produção”, o que faz suscitar outro ponto levantado pelos teóricos, Faraco e Castro (1999), no qual a preocupação deles residia, no aprofundamento dos aspectos relativos à interlocução na produção de textos:

Outro ponto em que a teoria de BAKHTIN nos ajuda se relaciona ao conceito de texto. Quando os linguístas [sic], ao discutirem problemas relativos ao ensino de língua portuguesa, falam da interlocução na produção de textos, implicitamente deixam entender que operam com a ideia [sic] de que texto é linguagem colocada em uso, uma vez que a sua construção visa o estabelecimento da comunicação entre os interlocutores. Apesar de ficar subentendido, como já afirmamos anteriormente, esse conceito ainda assim carece de precisão. Essa precisão, no entanto, parece não estar ao alcance de uma lingüística [sic] mais tradicional pelas mesmas razões que apresentamos acima para os problemas relativos ao ensino gramatical, ou seja: o viés teórico que dá o tom a nossa lingüística [sic] atual é, ainda, por vezes excessivamente formalista e, por essa razão, tem problemas para enxergar o texto fora

de seus limites internos. Não por acaso é comum entre os linguistas [sic] falar-se, nesse caso, numa “gramática do texto” (FARACO; CASTRO, 1999, p. 6).

Podemos fazer esse deslocamento para o documento oficial, visto que embora haja essa mesma ideia explicitada do texto sendo trabalhado em relação ao contexto, há carecimento de explicitações e articulações entre os documentos, pois, apesar de a fundamentação explicitada nos Parâmetros (BRASIL, 1997), a BNCC (BRASIL, 2018) se materializa com uma estrutura e nomenclaturas distintas do que está posto no documento primeiro, de modo que pode ocorrer muitos implícitos, o que acarreta, ainda, ao professor a construção de suas interpretações do que pode ser o contexto e a articulação desse com o texto. Portanto, é possível afirmar que há necessidade de maior detalhamento da concepção de contexto concreto de realização dos enunciados, tendo em vista a articulação com os conteúdos que estão propostos no documento.

É preciso ainda um último comentário sobre o PCN (Brasil, 1997) para que possamos direcionar o diálogo para a BNCC (Brasil, 1997). Assume-se no documento federal a acepção de termo bakhtiniano em relação ao conceito de gênero: “O termo “gênero” é utilizado aqui como proposto por Bakhtin [sic] e desenvolvido por Bronckart e Schneuwly” (BRASIL, 1997, p. 23). Assim, há uma aproximação explícita, somente nesse momento, no que diz respeito ao conceito de gênero, ainda que esse seja utilizado em articulação com outros teóricos - Bronckart e Schneuwly.

Direcionando à BNCC (BRASIL, 2018) em relação a possíveis aproximações com a epistemologia bakhtiniana, a dialogia, conceito fundamental para a compreensão de interação verbal, é expressa em dois momentos no normativo federal (BRASIL, 2018), primeiramente, nas práticas de leitura, por meio da dimensão interrelacionada “Dialogia e relação entre textos”, no qual há dois tópicos:

- Identificar e refletir sobre as diferentes perspectivas ou vozes presentes nos textos e sobre os efeitos de sentido do uso do discurso direto, indireto, indireto livre, citações etc.
- Estabelecer relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam a identificação e compreensão dos diferentes posicionamentos e/ou perspectivas em jogo, do papel da paráfrase e de produções como as paródias e a estilizações (BRASIL, 2018, p. 73).

E em relação ao eixo de produção de texto, cuja dimensão tem o mesmo nome que o de leitura e, também, apresenta dois tópicos:

- Orquestrar as diferentes vozes nos textos pertencentes aos gêneros literários, fazendo uso adequado da “fala” do narrador, do discurso direto, indireto e indireto livre.
- Estabelecer relações de intertextualidade para explicitar, sustentar e qualificar posicionamentos, construir e referendar explicações e relatos, fazendo usos de citações e paráfrases, devidamente marcadas e para produzir paródias e estilizações (BRASIL, 2018, p. 77).

Podemos dizer que é um conceito novo para o componente no que se trata da nomenclatura utilizada pelo documento, visto que nos PCN (BRASIL, 1997) se utilizava o termo intertextualidade, conforme excerto abaixo. Fiorin (2014) afirma que não há nos textos bakhtinianos palavras como “intertextualidade”, há apenas o termo intertextual ao se tratar das relações dialógicas, o que o teórico indica como uma possível questão de tradução, visto que as primeiras traduções em português são de línguas que não o russo. Todavia, para ele, o termo intertextualidade está ligado à teoria bakhtiniana por meio das publicações de Júlia Kristeva, o que vai sendo reconfigurado por ela e outros teóricos com o passar do tempo. Como reitera Fiorin (2014, p. 165) “a questão do interdiscurso aparece sob o nome de dialogismo” em Bakhtin.

A produção de discursos não acontece no vazio. Ao contrário, todo discurso se relaciona, de alguma forma, com os que já foram produzidos. Nesse sentido, os textos, como resultantes da atividade discursiva, estão em constante e contínua relação uns com os outros. A esta relação entre o texto produzido e os outros textos é que se tem chamado intertextualidade (BRASIL, 1997, p. 23).

É interessante observar a definição de intertextualidade definida pelo PCN (BRASIL, 1997), visto que a definição está relacionada à interdiscursividade, à relação que pode ser estabelecida no discurso e não no texto, segundo o que nos atesta Fiorin (2014, p. 191):

Se em Bakhtin há uma distinção entre texto e enunciado e este pode ser aproximado ao que se entende por interdiscurso – já que se constitui nas relações dialógicas, enquanto aquele é a manifestação do enunciado –, a realidade imediata dada ao leitor, pode-se fazer uma diferença entre interdiscursividade e intertextualidade. Aquela é qualquer relação dialógica entre enunciados; esta é um tipo particular de interdiscursividade, aquela em que se encontram num textos duas materialidades textuais distintas. Cabe entender que, por materialidade textual, pode-se entender um texto em sentido estrito ou um conjunto de fatos linguísticos, que configura um estilo, um jargão, uma variante linguística etc. O caráter fundamentalmente dialógico de todo

enunciado do discurso impossibilita dissociar do funcionamento discursivo a relação do discurso com seu outro.

A alteração de termo da dimensão da prática de linguagem, ainda que o termo apareça em itens tanto das práticas de leitura quanto de produção de texto, é válido, considerando essa ampliação das relações ditas por Fiorin (2014). Em relação às práticas de leitura, o primeiro tópico contempla o discurso citado – “o *discurso no discurso, a enunciação na enunciação*, mas é ao mesmo tempo, *um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação*” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2014 [1929], p. 150, ênfase do autor), enquanto o segundo está relacionado às análises dialógicas que os posicionamentos sociais se filiam, explicitados de modo evidente, por produções como paródias e estilizações. As práticas de produção de texto estão direcionadas para o uso consciente das vozes que podem compor um texto, tanto no texto literário, primeiro tópico, quanto em gêneros de outros campos de atuação, cujos exemplos, novamente, são as paródias e estilizações, possivelmente, diante da marcação linguística e/ou semiótica que a paródia possibilita considerando uma marcação próxima ao discurso de outrem, enquanto, para outros gêneros, o processo analítico é mais denso no que diz respeito à compreensão das vozes que podem compor um texto.

A partir desse recorte proposto, foi possível cotejar dois documentos essenciais para o componente de LP – PCN (BRASIL, 1997) e BNCC (BRASIL, 2018) – em relação à parte da filosofia bakhtiniana (BAKHTIN, 2003 [1992]; 2010; BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2014 [1929]) no que diz respeito à concepção de linguagem. Assim, cabe dizer que há uma certa influência dos pressupostos bakhtinianos, ora explícitos como o conceito de gênero, ainda que detalhado por outras acepções, ora com indícios de que o componente tende às forças de descentralização. Entretanto, como reiterado por Faraco (2016), a dimensão axiológica não contemplada na concepção de linguagem provoca não somente um deslocamento, mas um silenciamento dos pontos de valores – eu-outro -, o que acarreta a destituição da compreensão efetiva da interação verbal como viga mestra da concepção de linguagem, de modo que pode conduzir o ensino de LP à manutenção das forças centralizadoras na qual há permanência do enunciado como produto e não como processo, sendo, conseqüentemente, uma perspectiva não bakhtiniana.

Considerações finais

Chegando as conclusões finais, podemos recuperar o objetivo pretendido desse texto - refletir sobre como é estabelecida a concepção de linguagem entre os documentos curriculares oficiais e a epistemologia bakhtiniana – para tecer a argumentação desenvolvida ao longo do cotejo entre os textos teóricos e oficiais que ancoram o ensino de LP. Primeiramente, podemos afirmar que embora seja contemplada na BNCC (BRASIL, 2018) a dimensão extralinguística na compreensão do tratamento com o texto, como Faraco e Castro (1999) nos lembram, paira no ar uma possível compreensão que carece de detalhamento ou articulação para que seja efetiva metodologicamente a centralidade do texto no ensino de LP por via dialógica ou interacional. Assim, mais necessário que a manutenção da centralidade do texto, é o tratamento ao texto que merece atenção, pois, retomando Fiorin (2019), o que difere a epistemologia bakhtiniana das demais é o tratamento do texto ou do gênero do discurso enquanto processo e não como produto finalizado, sem necessidade de diálogo ou de interação.

Neste sentido, por mais que possa parecer que haja uma aproximação com os pressupostos bakhtinianos, não é cabível afirmar que a aceção possa ser bakhtiniana, de fato. Por essa via, podemos ainda dizer que há carecimento de alguns aspectos como o de axiologia, na compreensão dos pontos de valores na comunicação verbal. E ainda que a dialogia possa aparecer relacionada às práticas de leitura e de produção de texto, também não é possível afirmar que é suficiente para estabelecer elos mais estáveis entre o que está posto na BNCC (BRASIL, 2018) em relação aos pressupostos bakhtinianos. Podemos, por outro lado, ancorado na perspectiva bakhtiniana de dialogia, dizer que há resquícios na BNCC (BRASIL, 2018) de uma tentativa de diálogo com os pressupostos bakhtinianos que, todavia, não é filiado o suficiente para ser uma sustentação mais concreta, o que não inviabiliza os professores, por ato pedagógico-axiológico, assumirem os fundamentos bakhtinianos em suas práticas pedagógicas.

Por fim, observa-se que ao referenciar Bakhtin ou o Círculo de Bakhtin, muitas concepções emergem à tona, de modo a inviabilizar o tratamento isolado de determinado conceito. À guisa de ilustração, não foi possível discorrer, ainda que brevemente sem a intenção de esgotamento do tema, sobre a concepção de linguagem – ancorada na interação verbal – sem que conceitos como o de dialogia e axiologia se apresentassem como intrínsecos, de forma a ser inviável não as considerar na breve discussão proposta. Assim, reiteramos que também é inexequível conceber a linguagem, por via bakhtiniana,

sem essas demais ancoragens, e como dissemos anteriormente, pode haver resquícios que não fundamentam uma associação à filosofia bakhtiniana, ainda que, nesse cenário de apropriação curricular, as redes de ensino, bem como o governo federal, por meio do Ministério da Educação, tenham relativa autonomia para realizar as apropriações didático-curriculares que considerem necessárias, visto que as forças centrípetas e centrífugas que envolvem o ecossistema da educação básica são distintas do campo filosófico, acadêmico ou científico.

Referências

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 16.ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. Colab. Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. São Paulo: Hucitec, 2014 [1929].

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do Ato Responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4.ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1992].

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 23 maio 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base*. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 23 maio 2023.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. Bakhtin e filosofia. *Bakhtiniana - Revista de Estudos do Discurso*, v. 12, p. 45-56, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/yXpYvSc4HnLMd7bR696sWyD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2024.

FARACO, Carlos Alberto. CASTRO, Gilberto de. Por uma teoria lingüística que fundamente o ensino de língua materna (ou de como apenas um pouquinho de gramática nem sempre é bom). *Educar em Revista*, n. 15, dez, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/Q8VCXMk7KTXMTNrkZdKYcrP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2024.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 161-194.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2019.

GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GERALDI, João Wanderley. *Heterocientificidade nos estudos linguísticos*. Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia Bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 19- 39.

PETRILLI, Susan. *Em outro lugar e de outro modo: filosofia da linguagem, crítica literária e teoria da tradução em, em torno e a partir de Bakhtin*. São Carlos: João & Pedro Editores, 2013.

PONZIO, Augusto. O debate entre o estruturalismo linguístico e a dialogia Bakhtiniana sobre o conceito de linguagem. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (org.). *Círculo de Bakhtin: Diálogos in possíveis*. Série Bakhtin: Inclassificável, v. 2. Campinas: Mercado das Letras, p. 69-100.

ROJO, Roxane Helena. O texto no ensino-aprendizagem de línguas hoje: desafios da contemporaneidade. In: FINOTTI, Luisa Helena Borgres; MESQUITA, Elisete Maria Carvalho de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (org.). *Gêneros de texto: caracterização e ensino*. Uberlândia: EDUFU, 2007. p. 9-43.

Recebido em: 10/09/2024.

Aceito em: 27/12/2024.